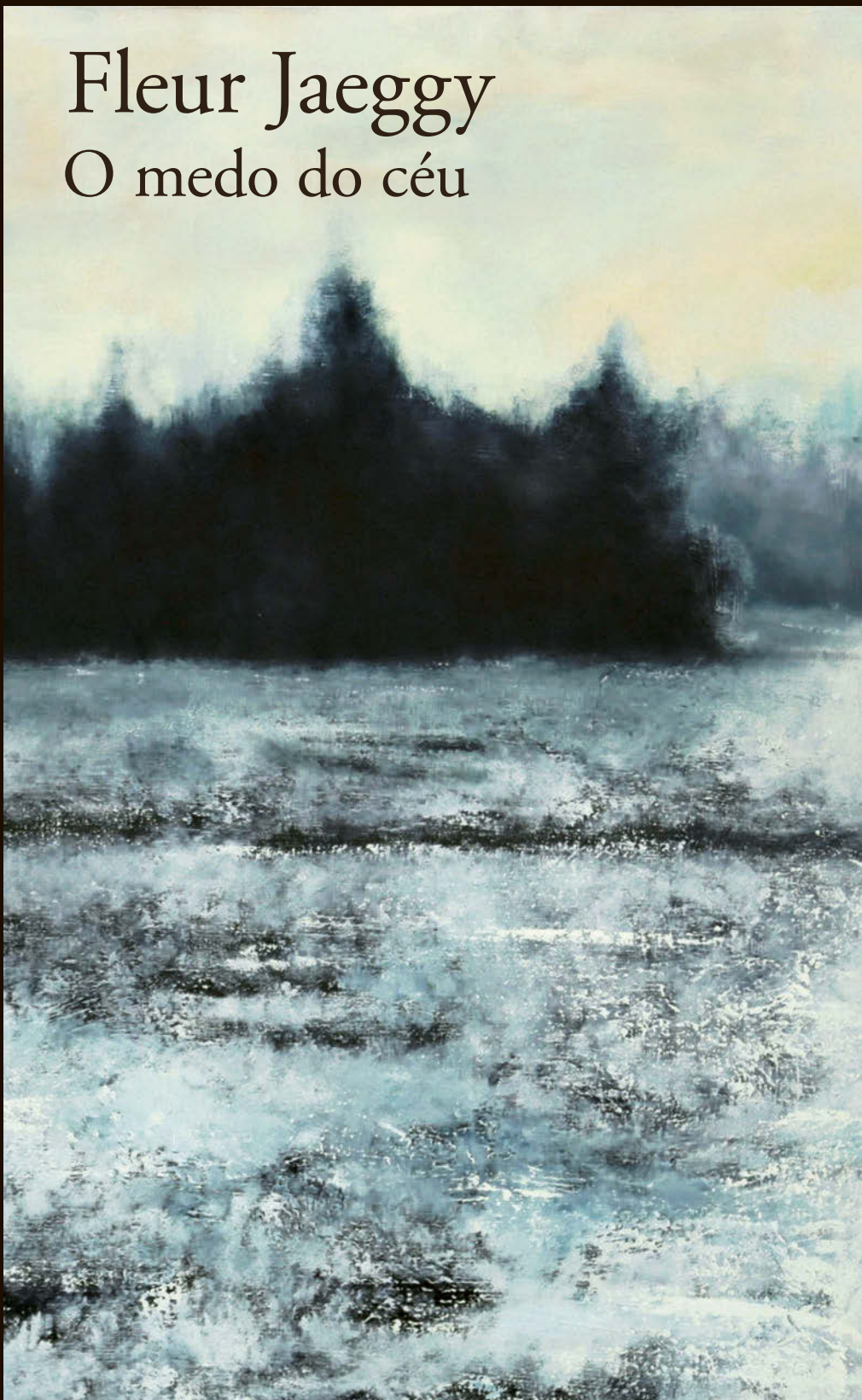
ALFAGUARA

Fleur Jaeggy

O medo do céu



Tradução de Ana Cláudia Santos

Enfim, detestava-a. Marie Anne estivera a tarde inteira a podar, mais do que o devido. Abandona-se à fúria. A limpeza acima de tudo. O terriço estava molhado, tinha chovido. E parecia sujo. O seu jardim era um pátio, o sol não conseguia penetrar na terra. Hesitante, o calor detém-se perante o muro que o circunda. Pequena coisa, aquele jardim. Húmido. De inverno, era branco, de um branco sujo. Na primavera, era ainda mais sujo, o frio e a podridão não queriam abandonar aquele pedaço de terra. No verão, seco. E os anos passavam. Marie Anne está sentada no jardim e com o pé empurra o carrinho em direção ao muro. Depois, com a corda, puxa-o para si. Dessa forma, a pequena fazia um bocadinho de movimento. A menina olhava em redor, embrutecida. Marie Anne detestara-a desde que viera ao mundo. Aparecera no meio de uma centena de recém-nascidos, havia

um letreiro, e aquela era a sua filha. Normal. Não era cega, ouvia bem. A sua amiga Johanna queria ficar com a pequena. É uma mestiça. «Se não gostas dela, porque é que não ma dás?» Johanna tinha insistido muito. E os senhores para quem ela trabalhava — era serviçal — também queriam ficar com a pequena. Se não gostas dela, confia-no-la. Nós adotamo-la. Marie Anne olhara para a bela casa dos patrões de Johanna. E para o belo jardim. As poltronas brancas de vime, elegantes e desconfortáveis. Mostraram-lhe até o quarto da pequena. Um quarto que dava para o jardim. Com uma caminha que parecia de natas e gelado de morango. Noutro quarto, estavam os brinquedos. Os brinquedos da menina morta dos patrões de Johanna. Ninguém voltara a tocar-lhes. Por vezes, a mãe, de noite, balouçava o cavalinho. Não se pode brincar com os brinquedos dos mortos. Era o que o marido lhe dizia. Uma pessoa sensata, ele também gostaria de brincar com as bonecas da sua menina morta. As bonecas riam-se daquele casal que não conseguia esquecer a filha. Estavam ainda intactas. A menina não fora a tempo de lhes partir a cara ou de lhes arrancar as pernas ou um braço. Isto entristecia a senhora: a falta de uso, que impedia a renovação. Brinquedos prematuros. Também o guarda-roupa das bonecas estava intacto. Passado a ferro. E os cabelos. Muitas perucas pequenas e macias em caixas. Louras, negras, e também com o cabelo encaracolado, como

o de Johanna. A menina nunca as penteou. Mas talvez esteja agora a fazê-lo. No seu túmulo frívolo, penteia e penteia os cabelos, como Lorelei. Era o que a senhora perguntava a si mesma. Mas o marido dizia que era impossível, e que a mulher não devia pensar nessas coisas. Em que, no fundo, também ele pensava. No túmulo, a sua menina crescia. Teria agora cinco anos. E não importava que fosse um montinho de pó a brincar. Não teriam mais filhos. E sentiam, nesse momento, uma grande satisfação em mostrar o quarto da filha a Marie Anne. Marie Anne observou tudo com determinação e espanto. Sentia-se magnânima ao elogiar, pensava que isso agradava à senhora, alguém dizer que ela tinha decorado bem o quarto da filha morta. No papel de parede, cerejas vermelhas e lírios brancos com folhas. Havia também uma mesinha com um espelho. Onde a menina se veria enquanto Johanna lhe entrançava os cabelos. Tudo preparado de antemão como se fosse já uma jovenzinha. A roupa da menina estava ainda no armário. Toda cor-de-rosa. Os sapatinhos em baixo. Prontos para correr. Alguns, brancos. Outros, azuis, de pele de vitela. No armário, em cima, chapelinhos de palha. Era verão. Johanna tinha tanto calor, que já não suportava trabalhar. De noite, antes de ir dormir, deixava-se estar com as pernas escanchadas, junto à janela. Até o prado suava. Ao longe, ouviam-se vozes. Também elas pareciam suadas. O céu era incolor. Quando está muito

calor, torna-se um lençol infecto, e no lençol infecto via maus auspícios. Mas, depois, adormecia quase de imediato, um sono pesado. A sua existência não lhe agradava muito. Marie Anne dizia que era porque ela não queria saber de homens. Do que Johanna gostava era de esfregar o chão, dobrada, durante horas e horas. E depois dormir. Era ainda bela. Não havia nada de que gostasse verdadeiramente. Talvez dos senhores para os quais trabalhava. Porque estavam tristes. Escondiam-no. Quando ela serve à mesa, fingem alegria. Não é preciso rir para fingir que não se está triste, pensava ela. Nunca eram grosseiros. O riso deles é pedagógico. Ela, Johanna, quando se ri, é grosseira. Riu-se de alegria quando a menina de Marie Anne nasceu. No hospital, todas a ouviram. Mas Johanna não era o marido de Marie Anne. Embora uma vez tenham estado numa cama juntas. Johanna não podia fazer um filho a Marie Anne. Talvez tudo tenha acontecido depois de Marie Anne ter estado numa cama com Johanna. Pelo amanhecer, saiu para dar um passeio. E, nove meses depois, Johanna rira-se no hospital. Tinham passado nove meses. Mentalmente, sentia-se o pai. Quando Marie Anne disse: «Não a quero, leva-a daqui», a menina estava nos seus braços, onde uma enfermeira a tinha deposto. Então, Johanna começara a pensar em fazer de mãe e de pai. «Dá-ma, dá-me a menina», insistira durante muito tempo. E agora os seus patrões também insistiam.

Johanna percebia que os patrões levariam a melhor. Seria uma menina rica e respeitável. Ela seria a sua criada, como o fora da menina morta. Marie Anne olha em volta e acha o quarto ao seu gosto. «Certamente», disse, «daria muito bem para a minha filha.» E, entretanto, pensava no quarto onde a sua filha dormia, estreito e sem janelas. Mas, deixando a porta aberta, chegava alguma luz cinzenta vinda da janela da cozinha. Johanna tinha oferecido a caminha, os chambres e tudo o resto. Johanna entrava nas lojas, pedia roupas para a sua filha: «É que, sabe, tive uma filha há poucos dias», contava. As lojistas davam-lhe os parabéns. Congratulavam-se. Comprava tudo de primeira qualidade, e voltava orgulhosa à casa de Marie Anne, que passava o dia inteiro no jardim, a podar — e a rogar pragas.

Johanna tinha medo do céu, quando ouvia aquelas pragas. Segurava na pequena. Para a esconder do céu. Os patrões de Johanna convidaram muitas vezes Marie Anne. Convidaram-na para almoçar. Marie Anne comportava-se quase como uma senhora. Observava como a senhora se servia e fazia a mesma coisa. Sorria ao marido da senhora, de forma amável. Falou um pouco de si, escondendo o pior. Johanna oferecera-lhe também vestidos de noite. Vestidos pretos, de bom corte. Um dia, o marido da senhora ofereceu-lhe um colar de pérolas. Noutro dia, a senhora ofereceu-lhe uma pulseira de ouro com um diamante. Tudo coisas

que teriam pertencido à menina morta. Mas agora era preciso adornar a mãe de uma menina que estava viva e que podia vir a ser filha deles, pois parecia que Marie Anne cederia a sua pequena. Que estava no carrinho, no jardim, empurrada com um pé e puxada com uma corda. A menina nem podia imaginar que o seu futuro se mostraria tão radioso. Os seus olhos plácidos pareciam dirigir-se ao vazio, de uma forma intolerável. Era ainda demasiado cedo. Supõe-se. Naquela idade, ainda não se pensa no próprio destino.

Passaram mais meses. Marie Anne cada vez mais adornada de joias. Agora Johanna já não dizia: «Dá-me a tua pequena.» Agora, a pequena estava prometida aos seus patrões. Viu-os abraçar Marie Anne. Tinham lágrimas nos olhos. Entraram no quarto dos brinquedos, e os três, dobrados no chão, começaram a brincar. Marie Anne subiu para a garupa do marido da senhora, e a senhora ria-se, segurando numa boneca. Como se fosse uma alabarda. Johanna trouxe-lhes bebidas. Festejaram. Puseram as perucas das bonecas em cima dos copos. Naquela noite, os brinquedos já não foram um culto dos mortos, mas bonecas para esventrar, para destruir com brandura. Vestiram-nas e despiram-nas, até a senhora tirou o seu vestido. Brincaram a ser felizes. A felicidade feria como uma lâmina ardente. Deram um aperto de mão para selar o pacto. Marie Anne teve um olhar de triunfo. Deu a sua palavra de honra. Concedeu-a diante dos

senhores. Era um dia de primavera e fazia-se tarde. Marie Anne não tinha o hábito de falar tanto, isto é, de se alongar. Para ela, praguejar era a origem da palavra. E da criação. Agora, Marie Anne prometeu. «A minha menina será vossa.»

De madrugada, o cavalinho ainda balouçava. Johanna asseverava que balouçou durante dias. Enquanto as bonecas o fitavam, imóveis.

Em casa, Marie Anne foi ter com a sua pequena. Dormia. Observou-a demoradamente. Na manhã seguinte, levou-a para o jardim de lama. Marie Anne não encontrava mais nada para podar. Tinha a tesoura de poda na mão. E não sabia para quem a virar. Olhou para a sua menina. Não terá um belo destino. Não a deixarei àqueles senhores. Não terá uma bela casa. Porque é que aquela pequena que detesta havia de ter uma vida melhor? Escreveu uma carta aos patrões de Johanna. «Mudei de ideias. Foi uma brincadeira.» Cumprimentos. A senhora enforcou-se cinco minutos depois. Como o cavalinho de balouço, o seu corpo oscilava. A menina cresceu. Maria Anne detesta-a. Ontem, passou com a filha diante da *villa* dos senhores e contou-lhe tudo. Estava prometida àquela casa. A rapariga tem agora quinze anos, passa muitas vezes diante daquela casa. Dizem que é um pouco imbecil. Mas não é assim. Olha apenas para o seu destino. Mais precisamente, para onde o destino lhe passou.

Era um casamento bem feito. Os Ruegg viviam no campo, possuíam uma criação de gado. A mulher, Gretel, era prudente. É possível que em jovem, antes de se casar, tenha sentido alguma curiosidade pelo mundo, que muito depressa definhou. Com o passar dos anos, deixou de a sentir. Havia os animais, antes de mais, e depois nasceram três filhas. A cada dois anos. Pontuais. Aos trinta e cinco anos, Gretel era uma mãe orgulhosa. Os animais pariam, ela parira. Mas, enquanto os animais pareciam indiferentes ao seu destino, Gretel receava o seu. Uma sombra descera sobre ela e atormentava-a. A felicidade consumira-se. O marido cobrira o rosto com as mãos grandes e fortes, depois de ter visto as filhas no berço. «É uma maldição», gritara da terceira vez. Todos ouviram as imprecações, os rapazes no trabalho, os animais e o campo. Como que por um vento funesto que

fizesse os arbustos secos formarem coroas, a voz de quem imprecava foi empurrada até à fronteira com a Checoslováquia. Era a voz de Otto Karl Ruegg.

A paisagem não respondeu à sua imprecação, a voz errou pela planície e depois silenciou-se. Os animais mexeram as orelhas, atingidos pelo grito. Uma velha criada, que ainda servira o pai de Otto, sorriu, não com a boca, mas com os olhos. Foi um relampejar de estranha luz, que vivificou a sua pele ressequida, concedendo-lhe um ardor inesperado.

Dirigia-se à mulher de Otto chamando-lhe *gnädige Frau* [minha senhora]. Embirrara com ela desde o primeiro dia. Estava vestida de branco, uma pomposa camponesa ataviada, de carnação láctea, com flores e ganchos nos cabelos. A cauda do vestido deslizava pela terra acabada de estrumar. Os senhores dançavam. Os moços da quinta dançavam, e ela, a criada fiel, estava sentada num banco de madeira. Naquela ocasião, pusera um vestido que lhe fora oferecido pela mãe de Otto e lhe chegava até aos tornozelos. Tinha os pés juntos nos sapatos pretos com laços. Os braços cruzados. Os braços duplamente cruzados.

Pela noite, ajudou a senhora a despir-se. O quarto matrimonial estava cheio de flores, tinha um cheiro nauseabundo. Da janela, viam-se o cercado dos animais e a planície. A velha criada pegou no vestido de noiva e levou-o, apertando contra si aquela renda fútil e depravada.

Podia chamar-lhe Gretel, dizia a senhora. E, se a velha permitisse, deviam tratar-se por tu. Juntava as mãos, extasiada com o casamento. Tinha tanta sorte. Gretel desejava abraçar a velha criada. Permanecia com as mãos juntas, a criada talvez não se atrevesse a tratá-la por tu, mas Gretel implorava, trémula e feliz. Otto falara-lhe tanto dela. A velha observa, sem comoção. Recebeu ordens em casa, da geração anterior, mas não partilhou da felicidade. Não se fazia grande alarde de felicidade e sorte, então. Da obediência aos patrões também fazia parte a obrigação de se regozijar se eles tinham razões para isso, e ela regozijou-se algumas vezes. Quando nasceu Otto Karl, o primeiro e o último dos filhos. Regozijou-se com o primeiro e último. A mãe morreu durante o parto. E a velha tornou-se sombra da defunta. Se os defuntos deixam desejos insatisfeitos, as sombras podem apoderar-se deles. Foi ela própria quem escolheu as melhores mamas do campo para amamentar Otto Karl.

Os noivos partiram para a viagem de núpcias. A velha pegou em todas as flores do quarto, pô-las num carrinho de mão e levou-as para o cemitério. «Estas são as flores da mulher do teu filho, faz com elas o que quiseres.»

As flores não podem fazer mais do que murchar, não diferentemente dos seres humanos. As flores, em competição com os mortos, estão impacientes por se tornarem pó descurado, pensava a velha.

Os mortos sabem o que fazer com as flores abandonadas sobre as pedras tumulares. Sabem como recompensar quem as ofereceu. Sabem vingar-se das dádivas, se não são do seu agrado. Podem apreciar uma prece inútil. Ou um arrependimento. Nada tem tanto poder e força como o que é vão.

Direita em frente da pedra, a criada mantinha os seus pensamentos com rédeas de corda e parecia-lhe cavalgar. Ia para a Boémia, onde se encontravam os seus antepassados, um cão de caça e a ama de leite. E o vento. Longos invernos gelados e a fatal geometria da brancura. Linhas perpendiculares como restos de cruzes erguiam-se e, de uma só vez, dobravam-se todas, assim que o vento mudava de sentido. O vento dobra as cruzes. Havia tempestades, lama e pântanos, como se uma brisa sulfúrea e tórpida enfeitiçasse os perdidos.

Depois, a criada sentou-se em cima da pedra e descreveu-lhe a noiva. Elogiava-lhe a beleza e o porte. Elogiava-lhe as ancas e o ventre. A qualidade dos cabelos e dos dentes. Baixou as pálpebras. Com as mãos, explicava os traços de Gretel que haviam permanecido no fundo das suas pupilas. Os gestos eram rápidos como os de uma surda-muda. Por fim, pousou sobre a pedra a imagem que evocara. Nuvens escureceram o céu, e quem tivesse passado por ali poderia ter pensado que alguém se esquecera de um boneco de argila. Despediu-se da sua patroa, a mulher

que mal tinha conhecido. Era tão jovem, passou pela casa só para depositar um menino, não pediu mais nada. Casaram-se havia pouco, ela não ostentara o cúmulo da exultação, aquela doença que é a felicidade. Com mansidão, estendeu as suas esperanças. E a criada estendeu o lençol.

A viagem de núpcias dos senhores Ruegg durou poucos dias. Otto Karl estava inquieto, queria ter regressado a casa após a primeira noite. Com a mulher ao lado na cama, considerava os abraços um sinal de preguiça. A mulher dormia agora, ele tinha a mão pousada sobre a nuca que pouco antes tinha mordido. Fazia projetos. Queria um matadouro.

Na manhã seguinte, levaram-lhes o pequeno-almoço à cama. Era um *petit déjeuner* farto, com um ramo de flores, queijos, ovos mexidos, salsichão e *cake*. Estava incluído, o «tudo incluído» das viagens de núpcias. E, se não fosse suficiente, o casal podia pedir mais, à discrição, sem nenhum aumento de preço. E durante sete dias. Alimentar-se à discrição. Os dias estabelecidos para o casal. Explicou à mulher as vantagens de um matadouro. Podia permitir-se uma coisa dessas. Era para o futuro, para os filhos. Para os filhos deles, concebidos num daqueles quartos de hotel para onde vão os casais em viagem de núpcias e não têm mais nada que fazer. Nos grandes frigoríficos das cozinhas, as doses dos casais, de frescura duradoura. Quase todos, casais alemães. Todas

as noites o menu era diferente, exótico, acompanhado de música autêntica dos lugares de onde provinha a comida. A noite mexicana. Quem quiser, pode pôr um *sombrero*. Ou a noite de Xangai. Ou de Espanha. *Italienische Nacht*. Os casais alemães gostavam daquelas distrações, depois de se terem apropriado mutuamente dos próprios corpos.

No regresso a casa, os Ruegg passaram ainda uma noite em Munique, no Hotel Vierjahreszeiten. Deitaram-se. O marido beijou-a; mais do que paixão, foi um premer pesado e obtuso. Chamou-lhe «patroa» antes de adormecer. Ela sentiu a intensidade primordial dessa palavra, uma investidura que lhe envolveu o corpo e ocupou o quarto escuro e as cortinas nas janelas, que pareciam de zinco. Gostaria de ter concebido naquele momento. Enquanto Ruegg pronunciava, quase adormecido, a palavra «patroa».

A velha esperava-os, fiel, diante da casa. De longe, parecia uma urna, pequena, sombria e digna. Gretel levantava-se todas as manhãs às cinco e meia. Mas a criada estava já na cozinha, pusera a mesa para todos. «Tão cedo, *gnädige Frau*?», dizia-lhe. «Porque é que não descansa? Faz-lhe falta.» Gretel já não cuidava de si, usava grandes aventais, tamancos nos pés, as meias enroladas à volta dos tornozelos. Tinha um olhar inquieto. Um olhar que vigia o andamento da casa. O andamento interior. Da casa perfeita. Tem de ocupar-se também da moralidade dos moços

da quinta. Quando os vê rirem-se, fica preocupada. Porque, se eles se riem daquela maneira dissimulada, só pode ser por causa do sexo. Só o sexo consegue fazer rir aqueles moços, com aquele ar circunspecto e astuto. Se há assunto pelo qual têm interesse, é o sexo. Estava convencida disso.

E as filhas tinham começado a sussurrar entre elas, e ela tinha de vigiar. A velha criada, a quem nada escapava, dizia à *gnädige Frau* para não se preocupar. É a natureza. Pegavam-se ao murro com os moços da quinta. Otto Karl olhava para elas e dizia à mulher: «Olha como sabem bater, as tuas filhas.» E batiam com força, as raparigas robustas. Mesmo quando eram pequenas, atiravam-se a eles, enrolando as pernas nas costas dos rapazes. Gretel pegava na bomba de água e, com fúria, como se regasse uma floresta ressequida, irrigava os seus corpos.

Gretel começou a ter enxaquecas. Enquanto as filhas cresciam. Verificava o sofá da sala de estar, as almofadas deviam estar rígidas. Com apreensão, olhava para o campo, para as pradarias, para os palheiros, para os camiões, para onde quer que as filhas pudessem deitar-se. Aos domingos, tinham autorização para estar fora o dia inteiro. Por vezes, voltavam tarde. Ela esperava. Perscrutava-lhes os rostos. As raparigas tinham os olhos brilhantes, embaciados, e cheiravam a cerveja. Entrava-lhes nos quartos de noite, via-as dormir. O que faziam com os seus corpos,

quando fingiam lutar com os moços da quinta? A velha criada repetia à *gnädige Frau* que ela devia descansar, de noite devia dormir e não devia agitar-se. A natureza segue o seu curso, as suas inclinações. Torpor no quarto, o cercado está vazio, reina na casa o silêncio. A casa é dominada pelos instintos. Pelos instintos, e nada mais. Assim respondia Gretel.

Uma noite, depois do jantar, tinham bebido todos muita cerveja. Gretel, por uma vez, pusera-se também a gracejar e a fazer alusões. Tirara o avental e, através do seu vestido justo, mostrava ainda as formas de uma bela bezerra. Assim dizia Otto Karl. Empurrando-a, fazendo-a rodopiar. Depois, Gretel apanhou o ritmo, rodopiava sozinha. Os rapazes batiam com os nós dos dedos na mesa. Àquele ritmo, Gretel batia os pés. Com a cabeça inclinada para a frente, ganhava ímpeto no balanço. Sentia-se leve, parecia-lhe que todos os corpos estavam esvaziados de paixão e de pecados. O patrão divertia-se, nunca a tinha visto tão alegre, via na sua mulher a bezerra prestes a ser sacrificada. Ergueu a caneca de cerveja e fez um brinde: «*Zum Tode*.» A mulher repetiu como um eco: «*Zum Tode*», «À morte», e engoliu. Os rapazes batiam com os nós dos dedos na mesa. Ela, inspirada, rodopiava no seu círculo.

Os rapazes eram jovens, amavam os animais que matavam. Não queriam fazê-los sofrer. Começaram aquele ofício por volta dos treze anos. As suas mãos

diziam muito mais do que o rosto ou os olhos apagados. O cérebro estava um pouco atrasado em relação às mãos. Na sua cabeça, uma estranha nostalgia, um não-sei-quê de irreal, de fátuo, de encantatório. Otto contratava-os, crianças já adultas, gostava do seu olhar sério, porventura daquela névoa que lhes ficara no cérebro, daquela lentidão, a lentidão pesada que não conseguia acompanhar a habilidade das mãos. Gostava do franzir de sobrolho, quando ele lhes dava ordens ou instruções. Eram homens e imberbes, alguns tinham a cabeça rapada. A juventude daqueles crânios teimosos e dóceis. Têm pelos animais um sentimento fraterno. Otto Karl respeitava e dava a maior importância à fraternidade. Os nós dos dedos batem na mesa. Há anos, parece-lhe. Desde que nos berços viu meninas. A sua mente vagueia por uma zona de penumbra que o inebria. Aquele ritmo obsessivo, estimulante, fraterno, como se fosse uma única voz, um único pensamento, semelhante a um rufar doente de tambores.

«Para o diabo», pensava a sua mulher. E o diabo com quem gostaria de dançar era um daqueles bezerros acabados de matar, sentado num trono de ouro, com brincos. Ela lambia-lhes as patas, em sinal de devoção. Depois do golpe mortal, os animais ascendiam ao céu, enquanto ela estava alegre e sentia que era ainda uma bela bezerra. Dissera-lho ainda agora o marido, à frente dos rapazes, que era uma

bela bezerra. Que seja, portanto. Não a humilhou. Era uma coisa animal que dançava, sentia o animal apertá-la como um espartilho. Era fúria e aniquilação, aquela coisa que batia o tempo, que respirava o ritmo, que seguia o passo silencioso da catástrofe. Ela estava em adoração dos seus semelhantes, que, antes de serem carne para canhão, haviam sido felizes, contemplativos, sábios. Por vezes, nervosos. Submissos. Ela acariciara-os. Acariciava tudo o que transparecia dos seus focinhos indiferentes. Tinham já, ousa ela pensar, vivido o golpe mortal. O halo basedowiano da dor.

Os rapazes parecem embutidos na parede de madeira. Noviços bávaros, sentimentais e grosseiros. Um torpor ébrio domina-os e fecha-lhes o rosto. As pálpebras curvadas. Gretel gostaria de sacrificar um deles. Com a mão direita, erguiam as canecas de cerveja. Uma noite de festa. Mostraria ao marido que ela sabe matar. Não é menos do que eles. Não se deviam amaldiçoar as mulheres que só dão à luz raparigas. Só porque, quando crescem, não podem desempenhar o mesmo ofício do pai. As suas raparigas não têm paixão pelo matadouro. Foram-se embora de casa. Dorothea, a mais velha, mudou de apelido. Tem agora um apelido judaico. Já não é a menina Ruegg. Foi viver para a Toscana. A outra, Roseli, vive em Berlim com uma dançarina de *striptease*. E a terceira está calada. É verdade, o matadouro não terá

herdeiros. Gretel sente-se só, gostaria de ter netos. Não há nada melhor do que procriar. Ela e os animais sabem-no. Como eram graciosas, as filhas, no berço. As cabeças um pouco grandes, os cabelos ralos, manchas vermelhas na pele. Da dobadoura pendia o linho, ela bordara as iniciais dos seus nomes. As iniciais à espera de se tornarem nomes arruinados.

Deseja boa-noite. Trevas ao marido que a olha satisfeito, com os seus olhos de mongol. Os rapazes levantam-se. Não se ouvem os seus passos nas escadas de madeira. É inverno. A neve cobre o campo, nivelando a terra num torpor de susto. Talvez só as verdades últimas possam trazer alegria à camponesa Ruegg. Como a paisagem invernal, arrastada numa paz angélica e antiga, os seus pensamentos estão enterrados no gelo. Pensamentos isentos de palavras. Inércia sagrada.

O narrador encontrava-se em Zurique e lia a *Neue Zürcher Zeitung*. Às três da tarde de um dia de novembro, seriam as exéquias de um eminente açougueiro. No obituário, estava escrito que a família fora posta a dura prova pelo destino de repente, e de maneira incompreensível. A palavra *jäh*, que significa «de repente», sobressaía na sua simplicidade ao lado da palavra «destino». Um som breve. Irrevogável. Tipograficamente elegante, na sua forma de

se mostrar. O narrador tinha escrito uma história sobre um açougueiro e a mulher. Mas o final não o convencia. Pensou: se calhar é boa ideia ir ao funeral de um açougueiro. O hotel sobre o rio Limmat não era longe da Fraumünster. O seu quarto dava para o rio. De noite, olhava para os cisnes adormecidos na água. No dia seguinte, às três horas e poucos minutos, encontrava-se diante da igreja. A igreja estava já a abarrotar. Uma mulher não deixava entrar. Mas podia-se subir, por uma pequena escada, ao sítio onde o órgão se encontra. Também aquele estava apinhado de gente. Por pura impaciência, a cerimónia deve ter começado antecipadamente, às três menos dois. A pontualidade é já um atraso. O pastor protestante proferia o sermão. Uma pronúncia do lugar, ouvia-se a entoação dialetal. Narrara a vida do eminente açougueiro, o seu casamento, a sua carreira. Os filhos. Olhando na direção do altar que não existe, percebe-se que se está a participar num funeral de primeira classe. O pastor pergunta-se se a profissão do defunto (matar animais) é conciliável com a vida cristã. A pergunta permanece sem resposta. O pastor passou de imediato a outro assunto. Eram numerosos os méritos do açougueiro. Órfão aos dezoito anos, começou a trabalhar com afinco. Com sentido de responsabilidade. Esmera-se para expandir o seu negócio. Os parentes e os amigos não deviam estar tristes, a dor traz consolação. A dor é consolação. Do púlpito,

o pastor exortava todos, no silêncio altíssimo da igreja, a encontrarem consolação. A satisfazerem-se na dor. Os rostos que se lhe dirigiam eram sérios, compungidos e um pouco ausentes. Um sinal de vazio, nos seus olhares imóveis. A compostura de um vazio. Estavam tão impassíveis, que pareciam ter engolido o próprio fôlego. Os familiares sentavam-se à frente da multidão; juntamente com o caixão, formavam o altar. Havia poucas flores, como se algumas tivessem desaparecido. O narrador encontrara lugar num canto, perto dos tubos do aquecimento. Procura observar os seus vizinhos. Vestem-se de forma cuidada. De cinzento. Alguns perfis nobres. Imobilidade nervosa. Dignidade pesada, severa. Seriam todos açougueiros?, perguntou-se. Um pequeno grupo levantou-se e começou a cantar. Em círculo. Boas vozes, suaves. «Os sonhos perderam-se.» A voz do pastor parece mais longínqua, como longínquas parecem as palavras «dor» e «consolação». Perderam a sua configuração. E também o tempo está imóvel. A igreja foi envolvida no torpor dos pensamentos extintos. Impressionava, naqueles rostos, um desapego muito profundo e atávico, mas não submisso. A morte não comove. Está na ordem das coisas. A selvagem clandestinidade das coisas simples. Se são assim tão impassíveis, pensava o intruso, o narrador, ainda em busca de um final para a sua história, é talvez porque condenam as palavras e as suas variações. Aquelas pupilas soberbas

olhavam para a essência. Olhavam, assim lhe parecia, com apaixonada moderação, para o não visível. Quando ouviram o som das trompas de caça, os seus olhos ficaram atentos. Clarões prudentes. Levantaram as pálpebras tranquilas. Na igreja gótica, descarnada, na sua fúria de despojamento, pura pedra, em direção ao céu, o som das trompas, tão humano, ecoou nas suas mentes numa breve exaltação.

O narrador continuava em busca de um final para a sua história. Os finais deveriam ser pródigos. Talvez. Aquelas magníficas exéquias podiam ser-lhe de auxílio. Não serviram. Não faria Ruegg morrer por causa do som das trompas de caça. Gretel, no seu desespero, encontrará satisfação. Deixemo-la olhar a paisagem de neve. Na sua inércia sagrada. Um último pormenor: o nome do açougueiro era Angst, Medo.

ALFAGUARA

Sete narrativas atravessadas pelo medo do céu, onde o desamparo e a desgraça são dons celestiais. Mas se os «desejos terrenos são muito profundos», a incomparável pena de Fleur Jaeggy ilumina-os, para que possamos lê-los.

«Os mortos sabem o que fazer com as flores abandonadas sobre as pedras tumulares. Sabem como recompensar quem as ofereceu. Sabem vingar-se das dádivas, se não são do seu agrado. Podem apreciar uma prece inútil. Ou um arrependimento. Nada tem tanto poder e força como o que é vão.»

Estas são histórias trespassadas pela morte, ensombradas pela vingança do céu, desenhadas com clarividente onirismo. Há uma mãe que detesta a filha e lhe nega um destino promissor; uma criada vinda de uma aldeola italiana com um objeto de devoção; duas mulheres que se conhecem no jardim zoológico e se juntam, honrando uma promessa; a assombração de um cão; gémeos órfãos que tomam posse de uma casa em ruínas e se dedicam a enfeitar caixões. Há flores murchas; ares lacustres estagnados; instituições governamentais para velhos, ou incapacitados; objetos de culto profanados e vingativos; pais e filhos que se punem; a vaidade na velhice. As personagens destes contos temem o céu e agradecem-lhe, já que apenas o céu conhece as profundezas dos seus desejos. Fleur Jaeggy volta a afinar aqui a tessitura única — trama, linguagem, imaginação — que transforma cada um dos seus livros em peças cintilantes de inquietação humana e literária.

«Fleur Jaeggy escreve sobre o desamparo com tal precisão, que as suas palavras quase parecem gentis, acarinhando e admirando a infelicidade como se fosse o corpo de um amante.»
The New York Review of Books

Penguin Random House Grupo Editorial
www.penguinlivros.pt
alfaguaraeditora
penguinlivros
ISBN 9789895836185